

FALANDO SOBRE MEMÓRIA: RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO

CLÁUDIO TAROUÇO DE AZEVEDO*
VERA TERESA SPEROTTO BEMFICA**

A capacidade de memorizar relaciona-se intimamente com o nível de consciência, com a atenção e com o interesse afetivo.
Paulo Dalgalarrondo

RESUMO

Este artigo tem como proposta realizar uma breve análise conceitual da memória cognitiva, pautada na neurociência, a fim de compreender sua importância no processo de educação. Inicialmente iremos nos deter no conceito de memória cognitiva e algumas de suas classificações e em seguida realizaremos a análise da função desta em processos educacionais. Serão analisados alguns aspectos fundamentais para o exercício da memória e seu funcionamento. Também faremos uma reflexão sobre dois tipos de domínios da imagem, as visuais e as mentais, e suas relações com a memória e com o processo de educação.

Palavras-chave: educação, memória cognitiva, imaginação, processo de educação.

ABSTRACT

This article aims to make a brief conceptual analysis of cognitive memory, based on the neuroscience, in order to understand its importance in the education process. Initially we will hold the concept of cognitive memory and some of their ratings and then carry out the analysis of this function in educational processes. We will analyze some fundamental aspects to the exercise of memory and its operation. We will also make a reflection on two kinds of fields of image, the visual and mental, and their relationship to memory and the process of education.

Keywords: education, cognitive memory, imagination, the education process.

* Doutorando em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. claudiahifi@yahoo.com.br

** Doutoranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. verabemfica@gmail.com

NA CASA DA MEMÓRIA

[...] os processos relacionados ao aprendizado dependem intimamente da capacidade de memorização.

Paulo Dalgalarondo

Ao longo deste artigo, pretendemos fazer uma análise referente à memória, algumas de suas classificações e como se dá o processo de construção da mesma. Dessa forma, começamos com esse título que convida o leitor a conhecer um pouco de como é composta, através dessa metáfora com a casa, a memória e suas subdivisões.

Como a abrangência do termo memória pode resultar em equívocos é necessária uma análise conceitual do termo, a fim de que se possa compreender qual tipo será focado ao longo deste estudo, e como se dá seu processo de construção. Para isso, faz-se uma distinção dos tipos por meio de classificações realizadas por especialistas. Posteriormente, serão discutidas as relações da memória com a educação, enfocando em uma reflexão sobre a importância do ato de repensar nosso passado nos processos educativos.

Segundo a filósofa Marilena Chauí, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi” (2000, p. 125), Partindo dessa definição, já se tem uma ideia de como ela se constitui e é corroborada através do conceito descrito pelo psiquiatra Iván Izquierdo¹ como: “A memória humana ou animal se refere àquilo que se armazena, conserva e evoca de sua própria experiência pessoal” (2004, p. 16).

De modo geral, essas duas citações definem o conceito de memória. Mas, a fim de aprofundar o entendimento da memória humana especificamente, buscou-se a conceituação a partir do enfoque da ciência que a classifica, segundo o psiquiatra Paulo Dalgalarondo², em quatro tipos: genética, imunológica, cultural e cognitiva.

¹ Iván Izquierdo é um dos maiores pesquisadores do mundo na área de fisiologia da memória, neurocientista, professor doutor e pesquisador do Centro da Memória da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Izquierdo é líder do grupo de pesquisa “Centro de Memória” da UFRGS e pesquisador do grupo intitulado “Laboratório de Neurociências” da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). As linhas de pesquisa dos respectivos grupos acima citados são: mecanismos da memória e neurobiologia do aprendizado e memória. Informações obtidas em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do> Acesso em: 22 out. 2010.

² Professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Mestre em Medicina (Saúde Mental) pela Universidade Estadual de Campinas; Doutor em Psiquiatria pela *Ruprecht Karl Universität Heidelberg*, na Alemanha. Dados obtidos em:

Para ele, a memória genética são os “conteúdos de informações biológicas adquiridos ao longo da história filogenética da espécie, contidas no material genético (DNA, RNA, cromossomos, mitocôndrias) dos seres vivos” (DALGALARRONDO, 2000, p. 91). A memória imunológica consiste em “informações registradas e potencialmente recuperáveis pelo sistema imunológico de um ser vivo” (id., *ibid.*). A memória cultural se refere aos “conhecimentos e práticas cultural (costumes, valores, habilidades artísticas e estéticas, preconceitos, ideologias, estilo de vida, etc.) produzidos, acumulados e mantidos por um grupo social minimamente estável” (id. *ibid.*). Já a memória cognitiva “é uma atividade altamente diferenciada do sistema nervoso, que permite ao indivíduo registrar, conservar e evocar a qualquer momento os dados apreendidos da experiência” (id., *idib.*). Assim, essa memória, também chamada psicológica, é a relevante ao presente estudo, porque trata diretamente das relações dos indivíduos consigo mesmos e com o meio.

Estando a par da classificação dos tipos de memória, realiza-se uma análise mais centrada da memória cognitiva e das fases que a compõem. Cabe salientar que, a partir deste ponto, sempre que aparecer durante o discurso o termo memória, estará correspondendo ao tipo cognitivo. Este está diretamente relacionado às ciências da cognição que, por sua vez, estudam os mecanismos de aquisição de conhecimento. De acordo com o professor Dr. Francisco Fialho³,

A aquisição resulta de se colocar em prática as diversas atividades cognitivas, das quais, algumas, somente, são mentais. A caixa relativa à construção do conhecimento dá conta das três etapas de um processo de aprendizagem, a saber: - compreensão; - memorização seletiva concernentes aos resultados da ação; - inferências feitas a partir dos elementos memorizados (2001, p. 172-173).

A memória, segundo Dalgalarrondo, é composta por três fases: “de percepção, registro e fixação; fase de retenção e conservação; fase de reprodução e evocação” (2000, p.91). Além dessas fases, pode ser feita também uma classificação de acordo com a duração e a função da mesma, não esquecendo, porém, que todas as classificações passam inevitavelmente pelas fases descritas acima.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787946Y6&tipo=simples>

Acesso em: 22 out. 2010.

³ Doutor em Engenharia de Produção. Leciona a disciplina de “Psicologia Cognitiva” na Universidade Federal de Santa Catarina; especialista na área das “Ciências da Cognição”, estudo interdisciplinar relativo à aquisição e utilização do conhecimento.

A memória imediata é aquela que dura segundos e é utilizada para lembrar de palavras, imagens, números etc., logo após terem sido percebidos, o tempo suficiente para dar sentido e continuidade às informações. Essa pode ser chamada, também, memória de trabalho ou operacional. O segundo tipo, em relação à duração, é a chamada recente ou de curto prazo que dura de uma a seis horas e tem a função de reter informações sobre aquilo que acaba de ser aprendido, enquanto a de longa duração não está construída. Finalmente, a de longa duração, também chamada de remota, é, conforme Dalgalarondo, “a capacidade de evocação de informações e acontecimentos ocorridos no passado, geralmente após meses ou anos do evento. É um tipo de memória de capacidade bem mais ampla e imediata que a recente” (2000, p. 93).

Podemos perceber em nosso dia-a-dia exemplos práticos desses tipos de memória em relação à duração. A memória de trabalho está presente quando lemos ou ouvimos frases e não as retemos por completo, apenas o tempo suficiente para alcançar o seu sentido. A memória de curta duração ocorre quando, por exemplo, assistimos a uma aula e aprendemos determinados conteúdos que permanecem retidos durante poucas horas. A memória de longa duração evocará eventos como um encontro ocorrido há meses ou anos, como uma formatura, uma aula significativa, uma conferência com uma pessoa que admiramos.

Além das classificações acima apresentadas, tem-se ainda à referente ao conteúdo: memória de trabalho (que não deixa arquivos permanentes), declarativa (ou explícita) e implícita (ou procedimento), (IZQUIERDO, 2004; DALGALARRONDO, 2000).

Um exemplo esclarecedor em relação ao funcionamento da memória de trabalho é dado por Izquierdo, quando diz que “é aquela que utilizamos, por exemplo, para lembrar a terceira palavra da frase anterior o tempo suficiente para entender o resto da frase e o início da seguinte, mas que logo depois se perde para sempre” (2004, p. 19). A declarativa é aquela que registra e evoca de forma consciente dados referentes a pessoas e acontecimentos, já a implícita é um tipo que não depende de fatores conscientes e voluntários, é automática ou reflexiva (andar de bicicleta, datilografar). De acordo com Izquierdo, essa última “muitos autores denominam de *hábitos*” (2004, p. 23).

Existem ainda outras classificações de memória, principalmente em relação ao seu conteúdo, mas as analisadas até aqui dão conta das necessidades pertinentes à discussão em nossa inquirição.

De posse dessas informações, segue-se adiante com a consciência de que a memória passa por três fases distintas e que

compõem sua base conceitual. A primeira fase é o registro, que podemos chamar também de armazenamento, onde, através dos sentidos, se percebe o mundo circundante e se fixam informações. Essa fase inicial constitui o começo do sistema de aquisição de memória que se denomina aprendizado, portanto, tem um papel importante no processo de educação, o que pode ser confirmado por Pierre Lévy⁴: “quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprende” (1995, p. 40). Portanto, o que permite ao indivíduo refletir com base na sua bagagem de memória é de suma importância no processo de aprendizado, afinal “para o processo mental do pensamento, a memória é essencial, é o arquivo de todas as experiências vivenciadas” (OKAMOTO, 1999, p. 36).

Na segunda fase, dá-se a retenção das informações percebidas na fase anterior. Nesse momento ocorre a conservação dos dados assimilados por meio do campo perceptivo. Esse, por sua vez, é definido por Chauí como “uma relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos num campo de significações visuais, tácteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e lingüísticas” (2000, p. 123).

É por essa complexa capacidade de associação perceptiva e simbólica que o homem se distingue dos outros animais e conserva na memória uma bagagem de experiências interconectadas que nos transformam no contato com o ambiente, pois, como afirma Fialho, “o que temos em nossa mente [...] são símbolos que operamos, reagindo ao meio ambiente ou agindo sobre ele, modificando-o e modificando-nos neste processo” (2001, p. 79).

De posse dessas informações que esclarecem a relação humana com o meio e consigo, chega-se à terceira e última fase da memória, chamada reprodução, evocação ou, também, lembrança. Nessa etapa exercitamos a capacidade de recuperar e atualizar os dados que foram fixados e armazenados nas fases anteriores de maneira a reiterar o conhecimento no intuito de superá-lo e ampliar sua concentração.

Após as considerações acima, feitas sob inspiração de Fialho, quando diz que “um conhecimento não se constrói a partir do nada, esta construção supõe um conhecimento existente” (2001, p. 175), serão

⁴ O filósofo Pierre Lévy concluiu seu mestrado em História da Ciência e o doutorado em Sociologia e Ciências da Informação e da Comunicação na Sorbonne, França. Trabalha desde 2002 como titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva da Universidade de Ottawa e é membro da Sociedade Real do Canadá (Academia Canadense de Ciências e Humanidades). Dados obtidos em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=8543> Acesso em: 22 out. 2010.

analisados os domínios de imagens, de quando elas são visuais ou mentais, e suas relações com a memória e com o processo de educação.

MEMÓRIAS PARA REPENSAR, UM ATO DE EDUCAÇÃO

[...] é no presente que se faz uma memória, para ela servir no futuro, quando o presente for passado.

Gilles Deleuze

A partir de agora vamos analisar alguns aspectos fundamentais para o exercício da memória e seu funcionamento, além de fazer uma reflexão sobre dois tipos de domínios da imagem. Para a professora Lucia Santaella e o professor Winfried Nöth, os domínios da imagem podem ser divididos em visual e mental.

O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais (1997, p. 15).

Assim, as imagens visuais são aquelas que se percebem através do sentido da visão. Por exemplo: quando se faz a leitura de imagens que ilustram uma revista, quando se recorda o passado ao ver as fotos do álbum de família ou ao assistir a um filme no cinema, o sujeito está a dialogar com imagens visuais. Através desses atos é possível conversar com o mundo, e assim constrói-se uma memória com base nessas imagens, pois como afirma o pesquisador Boris Kossoy, ao se referir às fotografias, “todos nós guardamos fatos de nossas experiências de vida: imagens-relicário que preservam cristalizadas nossas memórias” (2002, p. 136). Dessa forma, Kossoy lhes confere a propriedade de armazenar memórias, mas estas só têm valor se existirem na mente as lembranças dos fatos das experiências vividas. É aí que está o domínio das imagens mentais.

Refletindo um pouco mais sobre as fotografias, elas são realmente possuidoras de um certo poder de eternizar e conservar a história. “As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos

que perpetuam a memória” (KOSSOY, 2002, p.139). No entanto, também se pode dizer que, ao longo da vida de um sujeito, enquanto ele arquiva inúmeras imagens mentais, pode vir a perder, por extravio, tantas fotografias quantas imagens existentes em sua mente.

Todavia, a relação de ligação entre passado e presente, existente na fotografia, passa por uma relação de imagens visuais que, por sua vez, dispara uma reflexão que permite ao leitor das imagens fotográficas fazer relações emocionais e históricas do referente fotografado com sua bagagem mental. Essa evocação de lembranças forma um circuito de imagens que constituem a memória fotográfica, ou seja, informações internas e externas aos sujeitos que geram arquivos mnemônicos.

Após estas constatações, pode-se concluir que os domínios de imagem mental e visual formam um circuito inter-relacionado. Segundo Santaella,

Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (1997, p. 15).

De posse dessas relações mentais e visuais, pode-se ir adiante e pensar de que forma elas auxiliam em nosso processo de educação. Será feita, então, uma exploração da bagagem mental do leitor para comparar, metaforicamente, o indivíduo à palavra casa, assim como, uma análise através de uma visão conotativa do sentido da palavra, em relação ao desenvolvimento do ser humano desde a sua gênese.

No instante biológico entre o óvulo e o espermatozóide – ou por outros métodos artificiais de gestação – passa a existir uma relação casa *versus* indivíduo. A casa simboliza o ventre, o *habitat* do indivíduo, sua própria morada. Conforme o processo de gestação avança, amplia essa dimensão espacial do feto com a mãe. Aí a questão da casa fica mais evidente. Quando a criança chega ao mundo, suas percepções passam a ser estimuladas por uma série de situações percebidas por seu interior em relação ao exterior. Ela passa a reconhecer seu corpo e suas funções sensitivas, agora o corpo passa a ser sua casa. E é nessa casa que será vivida toda a vida. Portanto, deve ser criado nela um ambiente agradável, em que, de vez em quando, seja repensada a posição de alguns “móveis”, a disposição espacial dos “quadros”, dos “apostos” e, inclusive, o estado de espírito presente.

Com essa metáfora em mente, segue-se adiante com a intenção de encontrar caminhos para demonstrar a relevância do processo de aquisição de memória para nossa formação como sujeitos comprometidos com a educação individual e coletiva.

Ao longo da vida adquirimos um vasto repertório imagético, e a responsável por armazenar essas informações é a nossa memória, uma biblioteca virtual e, por que não dizer, “uma ilha de edição”¹⁰ como disse o poeta Waly Salomão¹¹. Dessa forma, enxerga-se uma perspectiva de que ela é uma ferramenta eficaz na educação dos sujeitos. Sua articulação com a arte, através de objetos estéticos – tanto na leitura quanto na construção dos mesmos –, de experiências estéticas e do imaginário, é de fundamental importância para o processo de educação, na construção de uma consciência crítica e do alicerçamento do conhecimento. Pois, como afirma o professor Dr. Duarte Júnior,

Através da imaginação o homem constrói o seu mundo: sua filosofia, sua ciência, sua arte, sua religião. Na filosofia e na ciência a imaginação se autodisciplina, criando normas para que a razão possa produzir de maneira mais eficaz. Enquanto na religião e na arte a imaginação salta o muro que separa o plausível do imponderável, para afirmar o que não é acessível à discursividade da linguagem e da razão (1988, p. 102).

De uma forma ou de outra, a imaginação mescla sonho com realidade, atua eficazmente na vida humana, auxiliando na ampliação e conservação das memórias. Proporciona ainda ao indivíduo um enriquecimento que pode gerar uma ação de autoeducação dos pensamentos e das atitudes.

A complexidade que envolve a simples palavra educação poderia proporcionar um vasto trabalho, no sentido que está ligada a ela uma série de questões culturais, sazonais e éticas. Quando descobrimos que cada cultura cultiva seus costumes, que cada região do planeta tem um clima e este modifica o homem que ali mora, seu humor, sua forma de

¹⁰ O Rappa. *O silêncio que precede o esporro*. Faixa 11, Warner Music. Brasil, 2003. 1 CD.

¹¹ Poeta e letrista, Waly Salomão, nos anos 60, aproximou-se de artistas que se identificaram com o movimento tropicalista, como Torquato Neto, Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jards Macalé. Produtor musical de shows e discos, diretor de espetáculos que se tornaram inesquecíveis na história da moderna música brasileira, Waly nasceu em Jequié, na Bahia, em 3 de setembro de 1943. Além de poeta, foi ensaísta e conquistou inúmeros prêmios com seus trabalhos, entre eles o Jabuti (1997) e o Alphonsus Guimarães (1996). Faleceu em 5 de maio de 2003. Dados disponíveis em: <http://www.cultura.gov.br/noticias/notas/index.php?p=1823&more=1&c=1&pb=1> Acesso em: 22 out. 2009.

vestir, etc., verificamos que educar vai além de orientar, ou seja, construir-se um sujeito em transformação. O educador Paulo Freire diz:

A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (1987, p. 101).

Dessa forma, pensando o pensar, nos referimos às questões das experiências pessoais interiores, aquelas de nossa mente. A educação se dá na relação do homem com seu meio, sendo a arte e suas linguagens componentes indissociados do viver, das experiências estéticas e cotidianas à nossa realidade. A partir disso nos constituímos seres sociais de capacidades de armazenamento histórico, formando um banco de dados em nossa memória. Corroborando esse pensamento, as educadoras Maria Fusari e Maria Ferraz argumentam que

[...] a arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é, também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que se simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo (1993, p. 19).

Nessa relação homem-mundo, vamos tecendo relações e reflexões diversas para buscar a compreensão de algumas coisas que nos intrigam. Foi assim que, certa vez, nos questionamos se a memória seria seletiva ou acumulativa. Refletimos até encontrar uma explicação através de experiências do passado como: durante a infância, riscar nas paredes de casa. A ação de riscá-las está presente em nossos arquivos de informações mentais. Ocorreu assim a seleção de uma informação que estava guardada. Dessa forma a definimos como sendo acumulativa e seletiva ao mesmo tempo, pois no exato momento em que a lembrança do passado surgiu, por um viés referencial – diálogo, objeto ou pessoas –, a mente fez uma seleção dentre os muitos arquivos da memória de infância.

Ainda se pode refletir melhor sobre essa questão imaginando a ordem temporal em que se cria a lembrança. Primeiramente vivemos. Logo acumulamos uma bagagem de experiências em nossa mente. Existe aí uma série de fatores como a fruição, a percepção e a troca (emocional e/ou sentimental) que compõem esses acúmulos, como já foi

dito anteriormente. Nossa mente possui, então, uma bagagem simbólica em cima da qual operamos. Conforme Duarte Jr,

A transmissão do conhecimento significa a transmissão de símbolos, de conceitos. Tais símbolos e conceitos só adquirem significação por referência às experiências vividas pelo indivíduo, isto é: se o auxiliarem a pensar sobre aquilo que ele já conhece num nível vivido, ainda não refletido (1988, p. 62-63).

De posse dessas análises a respeito das relações do homem com sua memória visual, mental e poder simbólico, passamos a refletir sobre os processos de autoeducação. As percepções, o reconhecimento social e a cultura desenvolvida, possibilitam aos indivíduos a criação de um repertório imagético influenciado por seu meio. Isso gera uma bagagem de arquivos de memória que por sua vez são ativados de acordo com os referencias e experiências que vivenciamos. Sempre que isso ocorre, o indivíduo amplia sua criticidade e poder de reflexão. O professor Dr. Jun Okamoto diz que, “ao focalizarmos algo que nos interessa, passamos a utilizar nossa faculdade de pensar, criando imagens calçadas na memória e na intuição” (1999, p. 33). Isso se deve pelo fato de os sujeitos humanos serem a mescla entre uma parte emocional e outra histórica, uma fusão que vem de sua gênese.

Quando nascemos, uma de nossas primeiras expressões é o choro. Ao ganharmos a vida no mundo exterior, perdemos aquele contato direto com a mãe. De uma forma conotativa, o choro pode ser considerado nessa situação como um reflexo da liberdade. A partir daí, os primeiros contatos com o mundo vão proporcionando ao indivíduo uma série de experiências e percepções particulares que desenvolvem e constroem seu caráter. Concomitante à aquisição dessa base, entra em jogo nosso imaginário capaz de disparar uma série de possibilidades criativas e sensíveis dos seres humanos. O que pode ser percebido claramente no depoimento do cineasta alemão Wim Wenders¹²:

O que mais me agradava nos livros era o fato de que aquilo que eles nos davam não se achava apenas dentro deles, mas o que nós, crianças, adicionávamos a eles é que fazia a história acontecer. Quando criança, podíamos realmente ler entre as linhas e acrescentar-lhes toda a nossa imaginação. Nossa imaginação realmente complementa as palavras.

A partir dessa impressão do cineasta identificamos os elementos externos a sua mente que fizeram disparar a sua imaginação, as

¹² Documentário *Janela da alma*. Brasil, 2002. Direção: Walter Carvalho e João Jardim.

palavras – símbolos – existentes nos livros que compunham as histórias que ele lia quando criança. A partir desses referenciais exteriores, as palavras – códigos, signos verbais – aliadas aos referenciais de repertório pessoal presentes em sua memória (o espaço interior), ele acionava intuitivamente o lado imaginativo de sua mente, permitindo, assim, que ela fosse composta, não só dos fatos e personagens lidos, mas também dos elementos bem particulares, referentes às experiências de vida de cada pessoa. A história se transformava em uma mistura de fatores encontrados do lado exterior à criança e outros que estavam dentro dela, ou seja, inseridos na mente – no espaço interno carregado de elementos externos e imaginação.

Nesse circuito composto de fatores distintos que se fundem e permitem a ação criativa e cognitiva dos sujeitos, estão presentes a memória e o imaginário. Estes elementos, juntos, possibilitam criações mentais que poderão ser exteriorizadas e concretizadas. Porém, não devemos confundir as partes que compõe esse sistema complexo, pois como disse Deleuze, “imaginar não é se lembrar” (1990, p. 70). Complementamos a frase do autor dizendo: imaginar não é apenas lembrar, mas também consiste em explorar o pensamento intuitivo e toda a sua expressão, pois, como afirma a artista plástica Fayga Ostrower¹³, “toda criação é intuitiva”. Quem imagina é porque configura em sua mente uma hipótese baseada em elementos que fazem parte de uma bagagem de informações que compõe o mundo que a circunda e influencia, o que não está diretamente relacionado a uma lembrança, mas sim a uma força intuitiva de criação que se faz da existência de algo mental que um dia por ali passou.

Toda criação gera algo novo que deriva de partes já existentes e a partir de uma simbiose forma o objeto dessa intuição. Esses objetos são, geralmente, objetos do meio exterior e interior da vivência do indivíduo e que permitem a transfiguração no poder intuitivo de nossa mente. Nosso processo de educação e autoeducação se dá em decorrência desses circuitos mentais do reconhecimento de mundo que nos rodeia. Essas experiências podem ser chamadas de estéticas e ajudam a compor nossa formação como sujeitos.

Os circuitos e as situações de trocas de experiências com o mundo descritas acima são um apanhado de fatores que fazem parte da educação do ser em relação ao meio em qualquer ambiente em que ele se desenvolva. Independente da cultura, seja ela oriental ou ocidental, as sensações e relações fisiológicas estão sempre presentes no

¹³ Documentário *Janela da alma*. Brasil, 2002. Direção: Walter Carvalho e João Jardim. Informações disponíveis nos “extras” do DVD.

cotidiano humano. Acreditamos, inclusive, que é importante salientar a necessidade de desenvolvermos um estado de libertação dos limites culturais que se efetivam com mais intensidade, caso as experiências de trocas ocorram. Poderemos, assim, conduzir nossa reflexão a uma perspectiva que permita um maior distanciamento crítico, podendo ajudar em nossa autoeducação e ainda no constante aperfeiçoamento como cidadãos cosmopolitas.

No entanto, em virtude do “bombardeio” massivo de informações do mundo contemporâneo, faz-se cada vez mais necessário dar uma atenção especial àqueles jovens que estão formando seu caráter, pois é na infância que o desenvolvimento cognitivo se estrutura e dá embasamento para sua caminhada ao longo da vida. Assim como este artigo, a citação a seguir se justifica por enunciar o ensinar à criança, um processo educativo que perpassa a memória e se reflete em sua vida adulta e em sua capacidade de reter e produzir novos ensinamentos. “Ensina à criança o caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Bíblia, 22:6, p. 584).

Partimos dessa ideia, pois, mesmo que na ciência sejam refutados alguns ditos populares e pensamentos advindos de fontes não científicas, estas informações estão presentes em diversas culturas, de uma forma ou de outra. Essa citação nos possibilita pensar na formação educacional de base e na sua importância para a vida adulta. É nesse momento que se desenvolve a base cultural, seja ela qual for. Não esquecendo que ao longo da vida estamos em um fluxo que nos nutre e possibilita transformações.

A memória política local e global, as mudanças de comportamentos sociais como o fim da escravidão dos negros e o grito de liberdade das mulheres e dos homossexuais, mais recentemente, nos trazem uma série de informações e transformações socioculturais. É necessário ter uma visão crítica para que se gerem ações educacionais eficientes para preservar as características das comunidades dos microcosmos sem perder a análise do todo que é o nosso planeta. Praticando um repensar constante sobre nossas memórias cotidianas antigas e recentes, podemos exercer uma atuação menos passiva e conformada com as injustiças sociais. “A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)”, (CHAUI, 2000, p.130).

FINALIZANDO

Tentamos demonstrar no presente artigo que um dos caminhos eficazes para o repensar dos pensares é a exploração da memória. Mas não só em relação àquela memória do passado histórico longínquo de séculos atrás, como no exercício de recorrer à memória de criança, à dos tempos de adolescência ou, talvez, àquela associada às informações que temos em nossa mente relativa à refeição que fizemos duas horas atrás.

Consideramos que nos processos de educação é fundamental o desenvolvimento de práticas que promovam o exercício das memórias de trabalho, de curta e de longa duração. Precisamos produzir metodologias de ensino que transcendam o conceito de memória como mera repetição. Sugerimos práticas educativas que cultivem o uso das imagens nas interconexões entre as mentais e visuais. Isso pode estimular novas experiências estéticas e do imaginário que oportunizem transformações socioculturais e no campo da educação.

Acreditamos, portanto, que as contribuições deste artigo sejam, justamente, enunciar algumas classificações da memória, principalmente a cognitiva, e promover reflexões sobre as relações mentais e visuais das imagens em consonância com as possíveis ações criativas e pedagógicas que essas relações podem produzir nos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1 v.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo / cinema II*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus, 1988.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. *Introdução às ciências da cognição*. Florianópolis: Insular, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

IZQUIERDO, Iván. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

OKAMOTO, Jun. *Percepção ambiental e comportamento*. São Paulo: Plêiade, 1999.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Referências eletrônicas:

< <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>>.

Acesso em: 22 out. 2010.

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787946Y6&tipo=simples>>. Acesso em: 22 out. 2010.

<<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=8543>>. Acesso em: 22 out. 2010.

<<http://www.cultura.gov.br/noticias/notas/index.php?p=1823&more=1&c=1&pb=1>>. Acesso em: 22 out. 2009.

Filme em DVD:

Documentário *Janela da alma*. Brasil, 2002. Direção: Walter Carvalho e João Jardim.

Compact Disc:

O Rappa. *O silêncio que precede o esporro*. Faixa 11, Warner Music. Brasil, 2003. 1 CD.